

Carta ao meu pai: em direção a uma consciência feminista

Tamiê Pages Camargo¹
Diônvera Coelho da Silva²
Andressa Farias Barrios³
Livian Lino Netto⁴
Julia Rocha Clasen⁵
Isabella Alves Guimarães⁶
Aline Accorssi⁷

Resumo:

O artigo, construído em formato de carta, se inspira na realidade de muitas mulheres de nosso país. Aborda a experiência de abandono paterno de uma filha que, a partir do seu contato com teorias feministas, percebe e questiona as consequências da falta de paternagem ao longo de sua vida. Em busca da construção e da ampliação de uma consciência feminista, a carta apresenta um conjunto de reflexões direcionadas ao pai, morto recentemente vítima da COVID-19, e a outros homens. A reflexão perpassa às diferenças de classe, raça e gênero de forma interseccionada, aborda o cotidiano da reprodução da vida e ressalta a importância dos feminismos, enquanto posicionamento político, para a construção de relações mais igualitárias e justas. Conclui-se ressaltando, entre outros aspectos, a urgência de que homens assumam e compartilhem as responsabilidades no que se refere ao cuidado das crianças e do lar.

Palavras-chave: paternagem, reprodução da vida; patriarcado; consciência feminista.

Abstract:

The article, built in letter format, is inspired by the reality of many women in our country. It addresses the paternal abandonment experience of a daughter who, from her contact with feminist theories, perceives and questions the consequences of lack of fatherhood throughout her life. In search of the construction and expansion of a feminist consciousness, the letter presents a set of reflections directed to the father, who recently died a victim of COVID-19, and to other men. The reflection permeates the differences of class, race and gender in an intersecting way, addresses the daily reproduction of life from the invisible work of women and highlights the importance of feminism, as a political position, for the construction of more egalitarian and fair relationships. It concludes emphasizing, among other aspects, the urgency for men to assume and share responsibilities with regard to the care of children and the home.

Keywords: parenting, reproduction of life; patriarchy; Feminist conscience

¹ Licenciada em Música, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, Doutoranda em Música na Universidade Estadual de Campinas e professora substituta de Música no Instituto Federal do Rio de Janeiro.

² Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande, Engenheira Agrônoma, Mestra em Agronomia e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES.

³ Licenciada em Artes Visuais, Mestra em educação e Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Pelotas

⁴ Cientista Social, Mestra em Educação pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense e Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES.

⁵ Cientista Social, Mestra em Educação e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas.

⁶ Graduanda em Antropologia Social e Cultural na Universidade Federal de Pelotas.

⁷ Graduação em Psicologia, Mestra em Psicologia Social e da Personalidade e Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com período de estágio sanduíche na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (França). Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Líder do Grupo Mariposas CNPq: minorias sociais, resistências e práticas de transformação.

Mulher de 47 anos, internada no Hospital Universitário. Mulher de 96 anos, internada na Beneficência Portuguesa. Mulher de 68 anos, hospitalizada no Hospital Escola. Mulher de 63 anos, internada na Beneficência Portuguesa. Mulher de 75 anos, atendida na UPA. Mulher de 39 anos, internada no Hospital Escola. Homem de 32 anos internado na Santa Casa. Mulher de 34 anos internada na Beneficência Portuguesa. Homem de 39 anos internado no Hospital Escola da UFPel. Mulher de 64 anos hospitalizada na Beneficência Portuguesa. Homem de 68 anos hospitalizado na Beneficência Portuguesa.

Pai, ontem você estava nesse boletim. Hoje você faz parte de outro número, mais um na soma que engrossa as mais de seiscentas e cinquenta mil mortes por COVID-19 no Brasil. Queria ter dito ou ao menos enviado essa carta antes, mas não tive coragem quando tive a oportunidade. Agora a escrevo esperando que algum dia essa mensagem chegue a quem possa desempenhar a paternidade. Nem sempre tive consciência da falta que você me fez e apenas muito recentemente comecei a perceber que poderia ter sido diferente.

Aliás, foram alguns livros aos quais tive acesso, que começaram a mudar a minha forma de ver você. Hoje vejo, via, ainda vejo, a forma indiferente que você nos tratou e é sobre isso que quero escrever. Ao encontrar um livro chamado “O Feminismo é para todo mundo”, de bell hooks (2019a), conheci o significado da palavra feminismo que “é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2019a, p. 13). Fiquei pensando sobre essa palavra e como a experiência dela foi importante para mim, pois a partir deste texto, foi possível perceber o que você nos causou. Escrevo “nós”, porque esses momentos foram marcantes para minha mãe também. A postura de desprezo com a qual a tratou é uma das coisas que mais me incomodou. Agora reconheço esse incômodo e ele tem um nome: opressão. hooks (2019a) também teve um pai com postura patriarcal, do tipo conquistador e sedutor. Sua mãe jamais expressou indignação com a diferença de gênero que existia entre os dois. Assim como a autora, percebi que muitas coisas estavam fora de lugar. Você não estava lá. E minha mãe precisava se virar com tudo e isso a afastava dos seus sonhos. Sobrecarregada, sozinha na luta diária de prover e criar um lugar seguro para mim, enquanto você construía sua carreira profissional.

Nesta carta escrevo como me senti em relação à maneira que você tratou tanto a mim, quanto à minha mãe. É uma escrita sobre a nossa relação, ou melhor, sobre a sua

ausência. É uma conversa, mas é também um convite para que outros homens, especialmente na condição de pai, companheiro, amigo, possam se aproximar do feminismo. bell hooks nos convoca a pensar que o feminismo é para todo mundo, mulheres, crianças, homens, jovens, adultos e idosos, de todas as raças, sexualidades e classes:

(...) Viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o *ethos* que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo, precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo (hooks, 2019 a, p.15).

Você, meu pai, era um homem branco, oriundo de uma família de classe média. Teve acesso à educação e não passou privações em sua infância. Já aposentado, foi infectado pelo vírus da COVID-19, e acabou falecendo poucos dias após o contágio. Queria poder entregar essa carta a ti, pois algo dentro de mim acreditava numa mudança, mas não poderei mais fazer isso. Porém você que ainda está aqui, pode fazer parte de uma revolução. Para isso é preciso que compreenda e até mesmo abandone seus “privilégios” como homem nesta sociedade. Você deve estar se perguntando, que privilégios são esses? Explico: existe uma hierarquia social construída desde o período da escravidão, fundada em raça e sexo, que posicionou homens brancos em primeiro lugar nessa hierarquia, seguido de mulheres brancas que, por vezes, podem dividir o mesmo lugar com homens negros que ocupam a terceira posição e por último na base da hierarquia estão as mulheres *negras*. (hooks, 2019c).

O fato de você ter nascido homem branco, garante diversas vantagens sociais, como melhor remuneração salarial, obtenção de maior acesso à saúde, bem como a educação e segurança. Por isso que, enquanto vivermos num mundo em que a dominação patriarcal for regra, dificilmente mulheres, sobretudo *negras*, terão acesso de forma igual aos mesmos serviços que você. Para que possamos mudar essa realidade, precisamos da sua disposição para abrir mão dos seus *privilégios*. Podemos começar esta conversa refletindo sobre a forma como meu pai agiu comigo todos esses anos, e, você que está lendo, talvez possa agir da mesma forma. bell hooks (2019a, p.107) afirma que, “(...) masculinidade patriarcal incentiva homens a serem patologicamente narcisistas, infantis

e psicologicamente dependentes dos privilégios (ainda que relativos) que recebem simplesmente porque nasceram homens”.

Sei que meu pai nunca levou a sério o que eu falei, talvez nem você leve, já que poucas vezes me escutou. Aliás, esta atitude é comum entre homens que seguem uma masculinidade patriarcal. Se ainda estivesse aqui, meu pai, talvez, ao tomar conhecimento desses estudos, desse um pouco de credibilidade à minha fala. Escrevo esta carta com um tom de revolta, nuances de tristeza e, confesso, um tanto de culpa, ainda que numa aparente contradição.

Eu preferiria não precisar escrever sobre essas situações, mas, a cada dia que passa, escrever se torna necessário. Guardo muitas coisas que não conseguiria dizer sem o apoio das palavras escritas, porque falar para um homem como você, como foi meu pai, envolve poder, medo, rejeição e dor. Que estas palavras ditas, me libertem, mas que libertem também os homens como meu pai que já se foi, os como você, que podem não perceber como contribuem para a manutenção dessa rede de opressão, e que, desejem transformar o mundo, honestamente, a partir da escuta. Escrevo, conversando com este homem que era meu pai, e desejo que você, leitor desta carta, a tome como se fosse para você, não que suas atitudes sejam como as dele, mas que entenda o meu lugar, que é o de muitas mulheres nessas histórias que, por vezes, deixamos de contar.

O abandono: “Foi então que percebi que ela precisava de mim e eu dela”

Agora que sou uma mulher adulta, penso como era a nossa relação desde que eu era criança. Você sempre foi distante. Percebo que você não gostava de ficar comigo e com a minha mãe. Nunca foi carinhoso. Aqueles momentos de receber e dar cafuné não existiam entre nós, no máximo um programa para assistir desenhos e séries juntos. Você nunca quis sair com a gente. Mas, lembro de um dia específico em que derrubei um copo de vidro no chão da pizzaria, eu tinha cinco anos, e você ficou irritado, deixou o dinheiro na mesa, se levantou e foi embora. Eu não entendi muito bem. Senti vergonha daquela situação.

O estranho é que eu fiquei com vergonha de mim e da minha mãe. Assustada com a sua maneira de lidar com a situação. Pena que essa sua reação me parece, agora, muito comum. Foi diante de tantas reflexões que eu descobri que você mentia para minha mãe. Ela trabalhava durante todo o dia, muitas vezes até às onze da noite e, enquanto isso, eu ficava na creche. Você chegava cedo, mas nunca me buscou. Me pergunto, por que você

não me buscava? Afinal, poderia passar um tempo maior comigo, permitir que a minha mãe fosse do trabalho para a casa, se dividisse com ela as responsabilidades. Assim, percebi que você não é o único que não cuidava da própria filha, é uma prática comum entre muitos homens. Segundo bell hooks, “a maioria dos homens não escolheu trabalhar com dedicação no cuidado das crianças”, mas isso pode se tornar uma realidade através da equidade em todas as esferas (hooks, 2019a, p.122). Outro ponto, relativamente doloroso é que ser cuidada não significa ser amada, são coisas diferentes (hooks, 2020), então fico a pensar que recebi tão pouco de você.

Certo dia, a minha mãe me buscou mais cedo e assim chegamos antes do horário previsto em casa. Eu vi uma mensagem no computador e a chamei na mesma hora. Após a leitura da mensagem, ela resolveu me colocar para dormir, lembro que essa parte da rotina era sempre realizada por ela. Isso aconteceu perto das férias do meio do ano, lá por julho e, como de costume, eu fui passar aquele período na casa da minha avó, quando eu voltei, você já não estava mais em nossa casa.

Nenhuma ligação, nem satisfação, nunca. Quem ficou lá foi minha mãe. Eu tinha apenas seis anos e a culpava por sua ausência. Perguntava onde você estava. Ela ter te mandado embora era a única explicação. Depois, passou o Natal, já era quase ano novo. Lembro que você reapareceu no dia 31 de dezembro. Entrou em casa, abriu seu guarda-roupa, pegou tudo que restava e sumiu de vez. Entrou calado e assim saiu, sem me dirigir palavra alguma. E foi essa cena que mais marcou o novo ano vindouro.

Gritei pelas escadas: “Pai, o que tá acontecendo?” Perguntava. Minha mãe me segurou, e você se foi, como se nunca estivesse estado naquela casa. Saiu sem dar nenhuma explicação.

Somente em março do novo ano, tive uma notícia sobre você, soube que estava numa casa alugada, essa tinha teto, mas não tinha nada. Somente um colchão e um rádio. Perguntei, “posso ficar com você?” Mais uma vez sem respostas. Minha mãe insistia “liga pra ele, fala com seu pai, vai passar um dia com ele” e um dia, eu fui. Ao ir embora ouvi “sabe o que é, não tenho infraestrutura para te receber aqui”, mas, aparentemente, eu teria que ter estrutura emocional para lidar com a sua ausência repentina.

Apesar de sempre ter tido uma relação muito boa com a minha mãe, já que éramos sempre nós duas, quando você foi embora, ela encobria sua ausência, mas eu conseguia perceber o sofrimento dela. Algumas vezes, depois do trabalho e cansada, ela chegava em

casa bastante cabisbaixa. Me chamava para me fazer carinho, para que pudéssemos ficar juntas.

Minhas crises de ansiedade aumentavam na medida da saudade que eu sentia. A culpa que eu coloquei nela era grande. Pude perceber quão chateada ela ficava, ao perceber isso, resolvi não a culpar mais. Aos poucos fui tentando esconder a minha dor, para que a dela não ficasse ainda maior. Naquela época, me senti no dever de aliviar o que ela estava sentindo, da maneira que podia e me cabia. Foi então que percebi que ela precisava de mim e eu dela.

“Mudaram as estações, nada mudou” como ouvi na música de Renato Russo, na voz da Cássia Eller, tocando no rádio que você deixou. Minha mãe continuava tendo muitas demandas no trabalho. E eu, já um pouco maior, ficava sozinha após sair da escola, e que era mais perto da sua casa do que da minha. Você nunca se dispôs a ficar comigo, apesar de eu saber que você encerrava cedo seu expediente.

Teve uma vez em que minha mãe chegou mais tarde em casa por causa do trabalho, ela te pediu que me buscasse na escola, contudo ela acabou chegando antes do previsto. Eu estava com a minha mochila, nela estavam minhas roupas prontas para dormir na sua casa, foi quando você disse para ela: “Fica com ela então”. Como se você precisasse sugerir que ela fizesse isso. Como se ela já não o fizesse desde sempre, e principalmente desde o momento em que você foi embora. Como se ela já não tivesse essa responsabilidade, e obrigação, enquanto você, nem em suas horas livres, se esforçava em cuidar de mim.

E, para constar, o trabalho da minha mãe durava o dia todo, tinha uma jornada maior que a sua, apesar de os dias durarem as mesmas vinte e quatro horas. Saiba que, “geralmente condições precárias de trabalho fazem com que os empregos de baixa remuneração das mulheres se tornem insalubres, desnecessariamente desumanizantes, estressantes e depressivos” (hooks, 2019b, p.156).

Naquele dia, você poderia ter ficado comigo. Ter compartilhado com a minha mãe a experiência de criar uma filha, porque ela não deve ser de uma pessoa só. Mas as coisas continuaram da mesma forma, e para o juiz, legalmente, deveríamos nos ver de quinze em quinze dias, aos finais de semana. Mas isso acontecia uma vez ao mês, quando muito. Ligar também não era costume. Nunca fui uma criança que fazia birra, mas depois que você foi embora, as crises de choro eram comuns e quem arcava com isso era minha mãe, não você.

Eu sinto que tenho traumas em virtude da sua partida. Minha mãe tenta ainda reparar cada um deles. Sabe que quando eu cheguei em casa e não te vi, achei que você fosse voltar? Te esperei por um longo tempo. Quando você finalmente apareceu, nem olhou e fingiu que eu não existia. Sua atitude doeu tanto...

Eu era bem pequena, conseguia sentir que estava tudo muito estranho. Mas, agora algumas coisas me inquietam. Não só isso, como também me assustam. E sabe o que me assombra? O quão fácil foi a sua capacidade de desvincular a sua vida da minha. Sei que éramos distantes, mesmo quando morávamos juntos, mas como alguém é capaz de cortar uma relação com a filha, a qual via e convivia todos os dias por seis anos? E, tão repentinamente e de forma tão rápida? É quase como se fosse um interruptor de energia, que você pode apertar o botão de ligar e desligar quando bem entender e quando é conveniente.

Será que você já se perguntou como eu estava? Se eu sofria? Nunca se culpou, ou ao menos, pesou na consciência ter me deixado gritando na escada sozinha, sem nem olhar para trás?

Minha mãe insistia para que eu mantivesse contato, mas aos poucos fui percebendo que era você que não queria manter uma relação. Quando vi que não cabia só a mim, resolvi deixar por você. E, de fato, deixar, já que nunca me procurou.

Exceto o fato de que ao sair de casa, você também decidiu que não precisaria continuar provendo financeiramente as minhas necessidades e assim, acabou a nossa relação também. Nesse sistema patriarcal, geralmente a mulher é a responsável por dar amor, carinho e cuidado, enquanto a tarefa do homem é dar o apoio financeiro, trazer a racionalidade (BIROLI, 2018), e isso, você levou a sério.

Sabe, pai, a partir dessas leituras percebi que, o que você fez tem nome e se chama abandono parental. Porque você me abandonou materialmente, intelectualmente e afetivamente. O mais revoltante é saber que isso é comum e muitas crianças, assim como eu, não tiveram e não tem o direito ao cuidado, que também era de sua responsabilidade como pai, bem como é encargo de muitos outros pais. Após tanto tempo observando realidades parecidas com a minha, é possível perceber que “dentro de culturas de dominação patriarcal capitalista de supremacia branca, crianças não têm direitos.” (hooks, 2019a, p.110). Eu, criança, menina. Você, homem adulto. Que peso teria minha voz?

A dependência: “A vida da minha mãe mudou completamente após o meu nascimento”

Minha mãe estudava em dois turnos: durante o dia no ensino regular e a noite no cursinho popular. Desde cedo aprendeu a se virar sozinha, pois meus avós trabalhavam muito e fizeram de tudo para que ela priorizasse os estudos. Foi a primeira pessoa da família a conseguir ingressar na universidade, tirava notas exemplares, o que foi importante para que mantivesse as bolsas de assistência estudantil.

No terceiro ano de faculdade, vocês se conheceram. Ela não queria namorar, mas a sua insistência fez com que fossem ficando, ficando.... Quando percebeu, eram namorados. O primeiro um do outro. Ela me contou que aprendeu a te amar aos poucos. Foi assim que vocês namoraram por um ano. E no último ano da faculdade, quando ambos se preparavam para entrar no mestrado, descobriram a gravidez. Foi um susto! “- Não temos condições de cuidar de uma criança!” Ela decidiu ir à farmácia e, até hoje, chora ao falar sobre o assunto. Sente-se extremamente culpada por ter cogitado o aborto, o que também está relacionado ao julgamento social relacionado ao assunto, entretanto, naquela época, imagino como deve ter sido difícil para ela, pois vocês eram jovens e dependiam de bolsas da universidade para sobreviver. Ela morava na estadia estudantil. Ambos com planos para o futuro e uma criança não fazia parte deles. Ela não teve coragem de comprar o remédio e foi embora. Assim, ambos decidiram seguir com a gravidez. Importante explicitar aqui, que foi uma decisão de ambos. Entretanto, só um lado arcou com a escolha.

Lamentavelmente, pouco se fala nos direitos reprodutivos da mulher. Contudo, penso que se não temos o direito de “escolher o que acontece com o nosso corpo, arriscamos renunciar direitos em outras áreas da vida.” (hooks, 2019a, p.54). Sobre isso,

As mulheres do fim dos anos 1960 e início dos 1970 que clamavam por aborto tinham visto as tragédias de abortos ilegais e a miséria de casamentos forçados como consequências de uma gravidez indesejada. Vários de nós somos as crianças não planejadas de mulheres talentosas e criativas cuja vida foi mudada por uma gravidez não planejada ou indesejada. Nós testemunhamos a amargura, a raiva, a frustração com sua situação de vida. E estava claro para nós que não poderia haver qualquer libertação sexual genuína para mulheres e homens sem melhores e mais seguros métodos contraceptivos - sem o direito ao aborto seguro e legal (hooks, 2019a, p.50).

Assim como acontece com muitas mulheres que não tem um companheiro/a ou uma rede de apoio, a vida da minha mãe mudou completamente após o meu nascimento. Ela precisou desistir dos estudos para cuidar de mim. Já o meu pai pôde concluir o último ano da faculdade, ingressou no mestrado e se mudou para uma cidade longe da nossa.

Minha mãe voltou para a casa da minha avó, e ficou lá durante três anos. Você nos visitava a cada duas semanas e, quando terminou a pós-graduação, conseguiu um trabalho. Lá fomos nós novamente atrás de você. Dessa vez mudamos juntos para uma nova cidade, longe do restante da família. Um lugar desconhecido. Você tinha seus amigos do trabalho. Minha mãe só tinha nós, você e eu. O fato dela se dedicar à família, cuidar de mim, possibilitou que você pudesse concluir seus estudos e, depois, ser bem-sucedido no trabalho. Você, homem, em sua posição de trabalhador e cidadão, conseguiu exercer esses papéis e se tornar independente financeiramente, pois dependeu dos trabalhos domésticos e não remunerados da minha mãe.

Flávia Biroli (2018) teoriza sobre a divisão sexual do trabalho afirmando que ele é produtor de gênero, e define as posições as quais mulheres podem ocupar na sociedade, geralmente conduzindo-as a uma dependência financeira do homem. Assim, é a mulher a responsável pelas tarefas domésticas, pelo cuidado dos filhos e de terceiros, além do homem (marido). Isso acaba por privilegiar o marido na sua independência financeira, na medida em que tem alguém que contribui gratuitamente com serviços que são importantes para a sua sobrevivência e autonomia.

Importante dizer que o tempo que minha mãe dedicou ao cuidado, tanto o meu, como de toda família e da casa, foi em tempo integral. Diferente de você, ela não tinha folga aos fins de semana, muito menos feriados. Ela não recebeu nenhuma quantia em dinheiro por isso, isso inclui a pensão que você deveria pagar. O trabalho reprodutivo desempenhado pelas mulheres não é reconhecido, tampouco valorizado, nem mesmo considerado trabalho (BIROLI, 2018). O cuidado, a casa, a responsabilidade era dela, já o dinheiro era seu. A dependência financeira e emocional foram consequências disso.

Nesses anos todos, quando minha mãe achava que estava a caminho de conseguir algo por ela, logo era surpreendida por mais uma meta da sua vida, da sua carreira. Minha mãe se tornou dependente financeiramente de você, pois você dependia dela para alcançar sua independência.

Sabe o que me fez sentir mal? Que ao ler mais sobre os feminismos, percebi que você nunca valorizou o trabalho que ela fez. Mas e você, teria feito o mesmo por ela? Teria aberto mão de sua vida profissional para ela ter seguido com a dela?

A submissão: “Você sabe o que é patriarcado?”

Patriarcado é, sobretudo, o sistema de dominação masculina sobre as mulheres, é um modelo que estrutura sobretudo as relações no ocidente. Nós vivemos em um mundo patriarcal, onde os homens são quem tomam as decisões, inclusive políticas. E não só isso, eles fazem tudo em relação ao seu próprio interesse. E, basicamente, o patriarcado não estima que as mulheres sejam independentes, justamente para que os homens continuem exercendo relações de poder. Na visão do patriarcado, mulheres têm relação direta com a vida doméstica. Em outras palavras, o sistema patriarcal de gênero, conforme Saffioti (2004), é a estrutura de opressão e exploração das mulheres pelos homens, ultrapassando a esfera privada, e que pode atingir todas as relações sociais, da sociedade civil ao Estado.

Alguns ditados populares reforçam essa ideia, como: “Lugar de mulher é na cozinha”; “Já sabe cozinhar, já pode se casar”; “São vocês que geram os filhos, arquem com as consequências”; “Mulher não gosta de homem, gosta de dinheiro”; “Uma mulher só é completa quando tem filhos”; “É muito bonita pra ser inteligente”; “Mulher age com emoção e não com a razão”; “Na hora de pagar a conta, nenhuma mulher é feminista”. Tais construções, repetidas sistematicamente desde que nascemos, impedem que mulheres possam escolher o que realmente desejam para si. Seu papel na sociedade já foi escolhido, é reforçado pelo sexismo institucionalizado e pela sua exploração, que as tornam vulneráveis, dificultando o seu acesso ao trabalho remunerado e a realização em outras áreas da vida que também são valiosas.

Importante reconhecer que há diferenças em relação ao grau de vulnerabilidade de acordo com a raça, classe e gênero. Muitas mulheres, geralmente brancas, pertencentes à classe média ou alta, conseguem alcançar independência financeira e construir carreiras profissionais bem-sucedidas. Aliás, muitas de nós fazemos isso por meio da contratação de outras mulheres, em sua maioria *negras*, para que possam realizar o cuidado das/os suas/seus filhas/os e o trabalho doméstico. Assim, mesmo que essas mulheres avancem profissionalmente, continuam a explorar outras mulheres, visto que o trabalho doméstico ainda é muito precário (BIROLI, 2018).

Portanto, é importante o engajamento não só dos homens, mas também de todas as mulheres para o fim da exploração e opressão, como afirma bell hooks,

Para acabar com o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas (hooks, 2019a, p.13).

Preço da separação: “Ela cogitou voltar diversas vezes”

Quando você nos abandonou, passamos por muitas dificuldades financeiras. A falta de qualificação e a pouca experiência profissional de minha mãe foram impeditivos para acessar as oportunidades de empregos, especialmente aqueles com boa remuneração. Restou a ela se submeter a empregos precarizados e desvalorizados, como na área da limpeza, serviços domésticos, não considerados trabalho.

Mas é aí que você se engana. Gostaria de ressaltar aqui que trabalhos domésticos demandam tempo, energia e é necessário que a pessoa que o realiza esteja envolvida com o trabalho (BIROLI, 2018). Ou vai me dizer que quando você limpa a casa você não fica cansado? Talvez você não saiba, pois nunca fez. “Se as mulheres recebessem salários pelo trabalho doméstico, é improvável que um dia ele deixasse de ser designado como “trabalho de mulher” e passasse a ser reconhecido como uma atividade importante” (hooks, 2019b, p. 157). O trabalho doméstico é muito mais do que o de limpeza da casa. É servir de mão de obra em termos físicos, emocionais e sexuais. É cuidar da mão de obra futura, -as crianças-, é ser disciplinada e disponível em todos os níveis do desenvolvimento capitalista (FEDERICI, 2021). Em sentido semelhante, Françoise Vergès (2020) denuncia o trabalho invisível que mulheres, especialmente as racializadas, executam limpando os espaços os quais o neoliberalismo e o patriarcado utilizam para funcionar. Trabalhos terceirizados, mal pagos, sujos, expostos a produtos químicos, ao trabalho braçal e pesado aos quais seus corpos são submetidos.

Não foi fácil, minha mãe, assim como muitas mulheres, ainda luta para alcançar independência financeira e cumprir com as responsabilidades, as quais você nunca precisou ter. A responsabilidade de cuidar de mim você ignorou. Quanto ao serviço doméstico não é só você que desvaloriza, mas uma sociedade inteira, pois,

Muitas mulheres realizam atividades de serviço no mercado de trabalho, sendo mal remuneradas ou não tendo nenhum tipo de remuneração

(como no trabalho doméstico). O trabalho doméstico e outros tipos de atividades de serviço são especialmente desvalorizados no capitalismo patriarcal. (hooks, 2019b, p. 157).

A separação teve custos diferentes para vocês dois. Ela cogitou voltar diversas vezes. Não por opção, mas pela falta dela. Não é só o fato de ter ido embora de casa. São todas as consequências que isso acarretou. Tudo que, até hoje, tenta reparar, como se a responsabilidade por tudo isso fosse dela.

As consequências...: “Mantendo em mente que não abriria mão da minha vida”

Após alguns anos sentindo sua ausência e o peso da responsabilidade e do cuidado, pude perceber que de fato suas ações não foram isoladas. Sinto as consequências disso até hoje. E, obviamente, você não entenderia a profundidade dessas marcas, mas vou te explicar aqui um pouco da minha confusão.

Minha mãe possui inúmeras características que admiro, tais como inteligência e resiliência. Não foi fácil a maternidade solo, o trabalho precário, a falta de reconhecimento sua e da família. Ela aguentou, lutou e ainda segue em busca dos seus sonhos, dos estudos e da carreira profissional. Corajosa, pois não é nada fácil dar a cara a tapa. Dentro de sua própria casa teve que ouvir de seus pais, quando eu nasci, que eu tinha puxado a inteligência do meu pai e não a dela. Ou seja, precisou acreditar em si, quando todos a desacreditaram. Embora a admire enormemente e queira nela me espelhar, espero não precisar renunciar à minha vida da forma como ela foi obrigada a fazer.

Nesse tempo todo em que estivemos só nós duas, ouvi inúmeras vezes frases como: “filha, não engravide”, “filha, nunca siga a vida dos outros”. Ainda hoje ela reforça a importância de eu seguir meus estudos e fazer minha vida sem que eu dependa de alguém. Parece que ela quer me dizer, algo que bell hooks (2019a) afirmou em um dos seus livros:

Jamais saberemos quantos milhões de mulheres permanecem em relacionamentos com homens sexistas dominadores simplesmente porque elas não conseguem imaginar uma vida em que possam ser felizes sem homens, estejam elas sexualmente e emocionalmente satisfeitas com os homens em sua vida ou não. Se qualquer mulher sentir que precisa de qualquer coisa além de si para legitimar e validar sua existência, ela já estará abrindo mão de seu poder de se autodefinir, de seu protagonismo. Lésbicas me inspiram desde a infância a reivindicar o lugar de minha autodefinição (hooks, 2019a, p.140).

Mantenho em mente que não vou abrir mão da minha vida. Cresci e já adulta segui sempre solteira, pois eu acreditava que essa era a única maneira de não correr o risco de me deixar em segundo plano. Entretanto, descobri que em uma relação pautada no amor não há espaço para a dominação e abuso (hooks, 2020). Porém, antes disso me encontrei em um relacionamento, aliás, pelo contrário, me perdi em um. Com ele, o peso do cuidado, a responsabilidade sobre o outro, não só o outro como a de sua família também. “Cuida dele por mim”, ouvi isso da minha então sogra. Nesse momento, me enxerguei em uma situação semelhante à da minha mãe. A carga era maior do que podia ou deveria aguentar. Responsabilidade, culpa, pesado demais, cedi. Meus planos, que primeiro imaginei concretizando sozinha, já eram moldados para satisfazer os desejos de outrem.

Aos poucos, as conversas se tornaram gritos, o respeito era unilateral, as mentiras surgiram, os carinhos tornaram-se súplicas de desculpas. A escolha de estar com ele se tornou obrigação, já que eu fui diminuída para acreditar que sozinha eu não seria nada. Nunca era o bastante. Não importava o quanto que eu abriria mão, o quanto eu poderia ceder, eu deveria aguentar tudo, em nome do “amor”. Toda pressão tornou a relação mais difícil.

Ninguém merece estar com alguém que não respeita as tuas vontades, teus desejos, tuas escolhas, que te trata com grosseria, mas, como mulher, fui ensinada que não poderia reclamar e teria sempre que perdoar, ser paciente e acolher. Me esgotei na relação. Minha mãe e amigas perceberam que eu estava em um ciclo de relação abusiva, me deram o suporte necessário e, finalmente, pude me separar.

O amor em culturas patriarcais estava ligado a noções de paixão, a paradigmas de dominação e submissão, em que o pressuposto era de que uma pessoa daria amor e a outra receberia. Dentro do patriarcado, laços heterossexuais eram formados baseados na ideia de que as mulheres, por serem do gênero em contato com sentimentos de cuidado dariam amor aos homens, e como recompensa, os homens por estarem em contato com o poder e agressão, seriam provedores e protetores. Ainda, assim, em vários casos de famílias heterossexuais, os homens não retribuía o cuidado; em vez disso, eram tiranos que usavam o poder injustamente para coagir e controlar. Desde o início, mulheres heterossexuais aderiram ao movimento de libertação de mulheres para curar o coração partido, para romper os laços de amor (hooks, 2019a, p. 147).

Além de sentir a sua ausência, já tão nova, compreendi a responsabilidade do cuidado imposto às mulheres. Desde que você se foi, sinto que ficou uma falha que tento suprir. A responsabilidade do cuidado já era bastante nítida para mim. Por anos escutei

os desabafos de minha mãe, tentei fazê-la se sentir segura, amparada, e de alguma forma protegida. E sim, me senti e ainda me sinto responsável por cuidá-la.

Dormi na cama com ela desde o dia que você se foi. Me mostrei aberta a conversar, pois ela precisava de alguém para compartilhar esses sentimentos, alguém que sabia o que estava acontecendo e que não precisasse ficar repetindo a história mil vezes, até porque cada palavra sobre isso era uma dose de humilhação que ela sentia. Ela precisava de alguém que ela tivesse confiança que não iria julgá-la. E eu me tornei esse alguém.

Foi com ela que eu estabeleci essa relação de amor, de afeto e, também, de responsabilidade, algo que você nunca demonstrou ter. Percebi também que a minha maneira de demonstrar carinho pelas pessoas é cuidando delas. Frases como “avisa quando chegar em casa” são muito comuns. Aliás, da responsabilidade vem um dos sentimentos mais prevaletentes na minha vida: a culpa. Ela me acompanha desde o momento que fui responsabilizada por cuidar, e como escrevi ao longo dessa carta, isso acontece pelo simples fato de ser mulher. Culpa por não pensar ainda mais nos outros, culpa de não conseguir tirar da minha mãe o sentimento que você a causou, culpa por não ter aguentado o peso de resolver os problemas da família do meu antigo parceiro, que estavam muito além do meu alcance. Culpa, culpa, culpa... algo que você não aparentou sentir, e nem era isso que eu gostaria que você sentisse, afinal, por experiência eu sei o poder que a culpa tem de imobilizar e destruir. Hoje, mais uma vez, estou imersa na culpa por não ter te enviado essa carta antes, quando você ainda estava nesse mundo e poderia ter lido.

Antes de ir, gostaria de...

Antes de acabar esta carta, me despedirei. Gostaria de ter te dito tudo isso que estava preso em minha garganta. Mas, essa possibilidade só existiria se nos falássemos. Eu não precisava só de dinheiro. Eu precisava de uma presença. Uma relação pai-filha, um vínculo, que eu não tive com você. Não tenho a sensação de que você foi meu pai. Não tenho a sensação de que você poderia me ajudar quando eu precisasse. Foi exatamente o contrário. Você nos abandonou, me pegou desprevenida e me deixou desprotegida, mais uma vez.

Sinceramente, eu gostaria que você tivesse me dado um pouco mais de oportunidade de alcançar seu coração. Talvez com um pouco mais de espaço, eu e você poderíamos ser pessoas melhores. Mas eu nunca, de fato, alcancei esse lugar.

Se eu pudesse escolher, não teria escrito essa carta, mas quando me aproximei dos estudos feministas, senti como se eles estivessem explicando a nossa vida e a possibilidade que ela tinha para ser diferente. Você precisava saber que suas ações me afetaram. Tiveram consequências, pois não são isoladas do todo. Foi e é quase um efeito dominó. Você age, as pessoas reagem, uma coisa leva à outra e isso influencia tudo que está em volta.

Queria ter te oferecido a oportunidade de pensar sobre todos esses assuntos. Queria ter te mostrado que a sociedade ocidental é pautada no patriarcado, no sexismo e também no racismo. Características essas que tornaram suas ações aceitáveis e, até mesmo, reforçadas socialmente. Acredito que pensar sobre esses assuntos poderia ter te ajudado a perceber o quão grande é o problema do abandono paterno.

Ao encerrar esta carta, lembro que você, pai, é mais um no meio do caos que enfrentamos. Uma doença potencializada pelos discursos desumanizantes, do chefe do Estado, que impediu você e milhares de outros homens da oportunidade de repensar suas masculinidades e paternidades. Mas, encerro esta carta convidando aqueles que aqui estão seguirem pensando nestas palavras, para que, a partir de agora, possam agir diferente, repensar suas ações, pois, só assim, esse sistema pode acabar e, quem sabe num futuro muito revolucionário, deixar de existir.

Sinto sua falta. Com dor,

Sua filha

Referências:

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. Boitempo Editorial, 2018.

FEDERICI, Silvia. *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo* (v.1). São Paulo: Boitempo, 2021.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019a.

HOOKS, bell. *Teoria Feminista: Da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva. 2019b.



HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres Negras e Feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019c.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o Amor*. São Paulo: Elefante, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.